

Apresentação - Embrenhar a cena entre corpos, poéticas, políticas

PAULINA MARIA CAON
JULIANA SOARES BOM-TEMPO
DIRCE HELENA BENEVIDES DE CARVALHO

■ 258

Paulina Maria Caon é docente, performer, pesquisadora. Professora adjunta do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia e dos programas de pós-graduação (PPGAC e PROF-ARTES) do Instituto de Artes da UFU. Doutora e mestre em Pedagogia do Teatro pela Escola de Comunicações e Artes da USP; bacharel e licenciada em Teatro pela mesma instituição. Colabora desde 2008 com o Coletivo Teatro Dodecafônico. Atua e pesquisa na interface entre as áreas de artes, antropologia, educação e corporalidade.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4440863322840233>
Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3317-3496>

Juliana Soares Bom-Tempo é Performer em Processo. Atualmente atua como professora adjunta do Curso de Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE/UFU). Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Mestre e Graduada em Psicologia pela UFU. Coordena os projetos de pesquisa e extensão: Por uma Clínica-Poética; Grupo Asfalto; Feminismos em Performance. Atua com os temas: Arte da Performance, Educação Somática; Contato-Improvisação e Intervenção Urbana nas interfaces corpo/clínica/política com ênfase nas concepções de Gilles Deleuze; Félix Guattari; Michel Foucault e Gilbert Simondon.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2239538709638520>

Dirce Helena Carvalho é atriz, diretora teatral, docente e pesquisadora. Atualmente é professora adjunta do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia/MG e dos programas de pós-graduação (PPGAC e PROF-ARTES) do Instituto de Artes da UFU. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo e Mestre em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo. A pesquisa aborda os seguintes temas: atuação; corpo-voz; performance text (Richard Schechner).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3912456509075556>

■ RESUMO

Este texto se propõe a tangenciar algumas ideias sobre as discussões apresentadas no dossiê *Embrenhar a Cena*, fruto do 1º Seminário do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e do 2º. Seminário do Mestrado Profissional em Artes do Instituto de Artes da UFU, realizado em 2018. A transdisciplinaridade entre as Artes do Corpo e outras áreas de conhecimento nos mobiliza a pensar a concepção do que seria o embrenhar de campos diversos, as relações entre as áreas e entre os corpos, na construção das cenas poéticas e políticas na contemporaneidade. A proposta dos textos e, também, do Seminário, foi provocar-nos diante das brenhas em nosso campo de investigações nas artes contemporâneas, que, junto a diversas áreas, como as Artes Visuais, a Literatura, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia, entre outras, encontram-se emaranhadas, indecifráveis, por vezes confusas; matas bravas, em que há diversidade de modos de existência e resiliência às condições mais inóspitas que se apresentam neste cenário. Assim, estamos mobilizadas pelo direito às sensibilidades, à diversidade de modos de existência e de termos nas artes modos de operação que se dão nas interfaces com várias práticas e saberes.

259 ■

■ PALAVRAS-CHAVE

Brenhas, cena contemporânea, corpos, poéticas, políticas.

■ ABSTRACT

This text intends to focus on some ideas about the presentation of the dossier *Embrenhar a Cena*, fruit of the 1st Seminar of the Postgraduate Program in Performing Arts and 2nd. Seminar of the Professional Master in Arts of the Institute of Arts (UFU), held in 2018. The transdisciplinarity between the Body Arts and other areas allows us to think about the conception of what would be the entangling of diverse fields, the relationships between areas and between bodies in the construction of poetic and political scenes in contemporary times. The proposal of the texts and, also, of the Seminar was to provoke us in front of the brakes in our field of investigations in the contemporary arts, that, in diverse areas, such as Visual Arts, Literature, Anthropology and Sociology, Philosophy, among others, they are tangled, indecipherable, sometimes confusing; wild forests, in which there is a diversity of modes of existence and resilience to the most inhospitable conditions in the environment. Thus, we are mobilized by the right to sensitivities, to the diversity of modes of existence and terms in the arts, in this mode of operation that occurs at the interfaces with various other practices and knowledge.

■ KEYWORDS

Brakes, contemporary scene, bodies, poetics, politics.

Com foco nas interfaces desierarquizadas entre as artes e outras áreas de conhecimento, nas potências de troca efetiva entre artistas-pesquisadores universitários, sejam eles discentes ou docentes, e entre eles e artistas contemporâneos é que propomos o dossiê *Embrenhar a Cena*, nascido do 1º. Seminário do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e 2º. Seminário do Mestrado Profissional em Artes do Instituto de Artes da UFU, realizado em 2018. Nossa urgência está em fazer brotar conexões, acoplamentos, co-implicações em que campos, platôs e perspectivas borrem seus limites, fazendo gestar algo do entre, *intermezzos*, intercâmbios. Gestar, junto à complexidade indiferenciada de práticas e saberes, modos de relação, de produção de si e do mundo, novas imagens e composições; engravidar o contexto de sentidos e transdisciplinaridades para engendrar dramaturgias outras, embrenhar a cena.

Na ocasião do seminário, convidamos os/as participantes a refletir, agir e debater sobre as brenhas como uma metáfora para nosso campo de investigações nas artes contemporâneas – emaranhadas, indecifráveis, por vezes confusas; matas bravas, em que há diversidade de modos de existência e resiliência às condições mais inóspitas que se apresentam no ambiente. Quando criamos a chamada para o dossiê, mantivemos o convite para pensar sobre esse habitar o mundo de modo compartilhado, “estar com”, investigar os modos de relação que criamos entre pensadores/as, entre artistas e entre áreas de conhecimento com suas tensões e entrelaçamentos. Daí a ênfase na desierarquização de ideias, temas e formas de pesquisa em nossos campos de conhecimento prático-teóricos.

Na proposição de desierarquizar nos havemos com a construção de si e do mundo em relações embrenhadas, nas quais as artes convocam uma posição ético-política pelo direito a outros planos de sensibilidade e de vida. Nossa problemática é ecológica no sentido mesmo de que estamos diante da (co)implicação embrenhada da cena junto ao que Félix Guattari (1990) propõe com “as três ecologias”, quais sejam: ambiental, social e corporal; ou no sentido proposto pelo autor, uma “ecosofia”, na qual o problema maior seria “se debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero” (1990, p. 15). A operação aqui convocada se dá colocando as artes em tensionamentos propositivos junto a outros campos de práticas e saberes.

Tal convocação nos leva a pensar sobre os dispositivos acionados no embrenhamento da cena, sobre seus tensionamentos, para além de lógicas e sentidos únicos, buscando a instauração de novas arquiteturas, hibridismos e contaminações das práticas cênicas. Nela consideramos fértil o restabelecimento dos lugares de “interstícios” ou de “intermeios”, como os nomeia Ileana Diéguez Caballero (2016), referindo-se aos lugares possíveis de significações para as relações entre os sujeitos, e para os tensionamentos propositivos das artes evidenciadas pelas manifestações de subjetividades.

Tivemos como artistas pesquisadoras convidadas para o seminário Márcia de Moraes (artista visual de São Paulo), Anita Martins Rodrigues de Moraes (pesquisadora e docente das teorias literárias da UFF-RJ) e Juliana Martins Rodrigues de Moraes (dançarina, coreógrafa e docente da UNICAMP-SP). No corpo do dossiê,

aparecem materiais artísticos de Márcia de Moraes, que gentilmente selecionou algumas de suas obras ou detalhes delas para a composição da revista. Anita e Juliana de Moraes abrem o dossiê com seus textos. Em suas apresentações orais junto ao seminário trouxeram à tona o debate sobre os atravessamentos artísticos e biográficos de seus trabalhos, buscando abrir pequenas frestas no emaranhado da mata brava, elaborar sentidos parciais e leituras sobre a fertilidade dos encontros entre esses corpos no mundo e o corpus de discursos e experiências das áreas em que atuam e pensam suas práticas.

Dessa jornada de reflexão que o encontro com as artistas-pesquisadoras engendrou, emergem ao menos duas *ideações* que parecem atravessar a diversidade de contribuições recebidas para o presente dossiê. De um lado, a reafirmação dessa *condição incorporada de existência*¹, que faz com que cada corpo-pessoa reelabore a si mesmo/a sistematicamente a partir de seus múltiplos encontros com outros corpos-pessoas, com as materialidades do mundo e com seus próprios impulsos reflexivos. Essa “condição” coloca os planos práticos e teóricos em estado de diferenciação contínua, lidando com os paradoxos produzidos no “entre” das relações, estas que podem a todo tempo ampliar nossas capacidades de afetar e sermos afetados. Deleuze (2002), junto à filosofia de Espinosa, propõe compreendê-los como bons encontros, alegres e produtores de afecções ativas, que afirmam a vida e aumentam nossas possibilidades de agir. De outro lado, como segunda *ideação*, a importância da atitude de *suspeita* de artistas pesquisadores/as diante de campos de conhecimento e categorias construídas histórica e academicamente, mas naturalizadas por diversos agenciamentos culturais e institucionais. Nesse sentido, resgatamos aqui a ideia benjaminiana² de escovar a história a contrapelo como uma das dimensões possíveis dessa atitude de *suspeita* a ideias hegemônicas em qualquer campo da vida social. A própria noção de *suspeita* tem sua trajetória de construção no campo da hermenêutica e dos debates sobre as teorias de interpretação (de realidades, textos, discursos) na modernidade. Para alguns (PEREIRA, 2003; ZUBEN, 2008), Foucault e Ricoeur seriam nossos mestres da *suspeita* no pensamento do último século. Mas também eles construíram parte de sua reflexão sobre mestres anteriores (Nietzsche, Freud e Marx), ao colocarem em perspectiva a modernidade por meio de proposições genealógicas, arqueológicas, que proporcionam análises dos subterrâneos sociais e subjetivos, em correlações entre os modos de produção e as subjetividades decorrentes do capitalismo. Como resistir? Como re-existir?

Anita Moraes, no artigo **Gesto, traço, palavra: os contornos humanos sob suspeita**, que abre o dossiê, apresenta esse princípio para a reflexão sobre os fazeres artísticos:

¹ Noção trazida desde a literatura do pesquisador Thomas J. Csordas (Universidade de San Diego), que se debruça há mais de uma década aos estudos no campo do *embodiment*, com diferentes publicações no tema. Uma boa síntese de sua proposta pode ser encontrada no texto indicado nas referências bibliográficas do artigo.

² A ideia se apresenta no clássico texto de Walter Benjamin, “Sobre o conceito de História”, presente nas Obras completas 1 – Magia e Técnica, Arte e Política, editado no Brasil pela Brasiliense.

[...] tenho investido na discussão de premissas, de pré-noções que sustentam certos edifícios teóricos no âmbito dos estudos literários. Talvez tal atitude teórico-crítica, marcada pela suspeita, surja da compreensão de que a inteligência artística, em corpo e cor, em movimento e traço, resista a dicotomias que apartam o pensamento do corpo, o concreto do abstrato, o sensível do inteligível, seja para valorizar o polo material/corporal, seja para valorizar o espiritual/intelectivo [...] (p.270).

Em seu texto, no debate sobre as interfaces que estabelece com o trabalho das suas irmãs, artistas, pesquisadoras, ela questiona alguns pressupostos, especialmente aqueles presentes nas teorias da função humanizadora da literatura, presentes no trabalho de Antônio Cândido.

Juliana Moraes, em **Movimento, dança, coreografia: reflexões sobre um desenvolvimento artístico**, ao rastrear brevemente sua trajetória biográfica e artística, põe em relevo as noções de corporeidade e coreografia em seu trabalho, seu modo de pensar sobre a dança. Sobre a primeira noção, ela destaca:

[...] corpo e ambiente atuam de maneira entrelaçada em sistemas codependentes, que dão origem a ecologias específicas que fomentam e reforçam determinadas formas de corporeidade. Isso posto, supera-se a ideia dualista de um cérebro que comanda um corpo e a divisão dicotômica entre natureza e cultura. (p.286).

Nessa mesma perspectiva sistêmica, ela apresenta a noção de coreografia como função estruturante multidimensional, colocando em diálogo corpos vivos e não vivos. Assim ela reafirma a atitude investigativa e de *suspeita* à ideias correntes, como aquelas que tratam dança e coreografia como sinônimos, por exemplo.

Na sequência, o dossiê apresenta outros quatro textos centrados em pesquisas na Dança. Janaína Moraes, em seu Poética do convite: residências artísticas como estratégia de resistência de artistas contemporâneas para criações em colaboração, põe em jogo a noção de convite como disparador de outros modos de criação em diálogo com e entre artistas e grupos, sublinhando seu modo de enunciação linguística. No percurso de seu texto, pensamos que o convite se aproxima de um programa performativo, tomado como *enunciado da performance*, desde a perspectiva de Eleonora Fabião:

Chamo este procedimento de “programa” inspirada pelo uso da palavra por Gilles Deleuze e Félix Guattari no famoso “28 de novembro de 1947 – como criar para si um Corpo sem Órgãos”. Neste texto os autores sugerem que o programa é o “motor da experimentação”. Programa é motor de experimentação porque a prática do *programa* cria corpo e relações entre corpos; deflagra negociações de pertencimento; ativa circulações afetivas impensáveis antes da formulação e execução do programa. Programa é motor de experimentação

psicofísica e política. Ou, para citar palavra cara ao projeto político e teórico de Hanna Arendt, programas são **iniciativas**. (2013, p.03)

Pensamos que a poética do convite de Janaína Moraes, muitas vezes manifesta em processos de residência artística, dialoga com esse sentido complexo da noção de programa que Fabião apresenta no fragmento, buscando engendrar modos de existência diversos, circulação de afetos, desestabilizando e abrindo *brechas*, nas palavras de Moraes, nas formas de compreensão da própria ideia de composição e coreografia. A improvisação é um dos seus modos de trabalho e composição coreográfica, tomada para além da noção de improviso, como parte de um processo e poética relacional que estaria no princípio do próprio convite.

A improvisação e a composição em tempo real são o eixo do texto **Composição em tempo real: processos investigativos e criativos na dança contemporânea**, de Jarbas Siqueira Ramos, Patrícia Chavarelli Vilela da Silva e Mariane Araújo Vieira. O texto traz em seus desígnios a apresentação de procedimentos contemporâneos da dança que se inscrevem no acontecimento artístico, sublinhado pela noção de jogo e das relações com o espectador, elementos fundantes da cena contemporânea. Mais ainda, a ideia das/o autoras/o, integrantes do Núcleo de Estudos e Improvisação em Dança (NEID) da UFU, é pensar sobre *a improvisação em dança como cena artística*, como composição em tempo real: “A composição a qual nos referimos é aquela que pretende dar conta dos elementos dramaturgicos constituídos em processo de improvisação mediante a presença do público [...]” (p.312). No texto ainda são apresentados dois processos criativos realizados pelo grupo de pesquisa, a partir desse ponto de partida para a investigação artística.

Na sequência, bastante estruturado na narrativa de processos de criação em dança com jovens bailarinos em contexto de educação não formal, apresenta-se o texto de Fernando Borges Barcellos, **Sobre caminhos não formais de educação em dança: a experiência do Grupo Jovem de Dança entre 2013 e 2016**. O autor narra e reflete sobre os modos de organização desses processos, destacando a fertilidade da descoberta de *outras dinâmicas de construção de conhecimento* no campo da educação não formal em dança, a valorização das diferenças e do trabalho coletivo, além da ampliação de conhecimentos técnicos, poéticos e transversais ao longo do trabalho com o grupo. Na finalização do texto, Barcellos ressalta a interrupção do projeto por motivos diversos (materiais e políticos), colocando em relevo a necessidade da construção da memória de experiências como as do grupo, especialmente em contextos de desvalorização da prática artística e precarização de condições de trabalho em diferentes setores da sociedade.

Luciano Correa Tavares e Suzane Weber da Silva contribuem com o texto **Transitoriedades do corpo: gênero e sexualidade nas criações IN/Compatível e Tempestepegoquedelícia**. Nele, inicialmente, sublinham a existência de profícua produção bibliográfica brasileira sobre estudos de gênero nas últimas décadas e a importância da legitimação desses materiais reflexivos. No corpo do texto eles discutem as propostas estéticas de dois trabalhos da Eduardo Severino Cia. de Dança, colocando em destaque o modo como as encenações questionam, ironizam, desestabilizam as normatividades de gênero e sexualidade, gerando alternativas refle-

xivas e poéticas que contribuem para o debate e a existência dos corpos que se posicionam fora do binarismo e de qualquer normatividade corporal.

Articulado à discussão das normatividades de gênero e sexualidade, mas adicionando a identidade negra ao debate, segue-se o texto de Victor Hugo Leite de Aquino Soares e Roberta K. Matsumoto, **Afronte como verbo: escrevivências do ser ator negro em performatividade** – “Fluo em fluxo, nesse vir-a-ser bixa-preta-diaporizada-ator-performer-pesquisador, negr’artista, espectadora e atuante dos processos estéticos movedores das minhas identidades, de meu ser/tornar-se homossexual negro.” (p.365). A construção do texto dialoga com escritas performativas e com a genealogia dos estudos críticos e descoloniais. Texto, reflexão, manifesto, traz para primeiro plano a interseccionalidade entre raça, gênero e classe social, a partir do debate sobre o doc-ficção *Afronte*, em que aparece o processo de constituição da “personagem-autor” da reflexão, entre outros personagens-pessoas homossexuais negros no Distrito Federal.

A partir de perspectivas e atitude descolonial na pesquisa artístico-acadêmica, apresenta-se **Re-existência epistêmica: diferença colonial como discurso de corpos da exterioridade e paisagem biogeográfica**, de Marcos Antônio Bessa-Oliveira e Leonardo Reinaltt Simão. De escrita performativa, o texto coloca em jogo um conjunto de referenciais bibliográficos descoloniais para debater a existência, re-existência de corpos histórica e socialmente invisíveis, inclusive por sua exígua presença nas instituições acadêmicas. Conforme seus autores, para além de um texto sobre esses corpos invisíveis, busca-se abrir espaços para que as vozes de alguns deles, indígenas e artistas de rua, estejam presentes no próprio corpo do texto.

Mais focados no campo teatral, apresentam-se dois textos analisando dramaturgias a partir de processos de criação e de encenações. Samuel Antonio Santana, no texto **Cena, Cinema e Literatura**, apresenta alguns elementos do processo de construção dramática da peça *Liquidados*, buscando explicitar a articulação entre literatura, cinema e teatro, a partir de procedimentos de intertextualidade (bricolagem, paródia, apropriação). Thiago Fernandes Coelho, no texto *Entre causos e cenas: o uso de narrativas orais na construção de dramaturgias*, analisa a presença da oralidade e das narrativas orais em encenações contemporâneas, por meio da abordagem dos estudos culturais e do estabelecimento de relações com sua pesquisa de mestrado sobre as narrativas orais na dramaturgia das telenovelas de Benedito Ruy Barbosa, especialmente em *Paraíso*.

Encerram o dossiê, dois textos sobre o palhaço na tradição teatral e circense. Anderson Gallan Ued, mestrando, em **O palhaço tradicionalista: um olhar sobre a experiência de um palhaço do interior de Minas Gerais**, compartilha a trajetória de Mario Soares do Nascimento, palhaço Pernilongo, de Uberaba, colocando em destaque seus processos de aprendizagem e construção na palhaçaria a partir da convivência em família circense e circos em que trabalhou. Nesse sentido, ele sublinha a presença das narrativas orais em sua formação e no processo de pesquisa, reafirmando a ideia de um conhecimento incorporado, a partir da leitura de Kirsten Hastrup.

No texto **Palhaço e Trickster: a performance e o jogo como encontro com o outro e consigo mesmo**, de Melaine Pilatto Gonçalves, aparece o palhaço desde sua apropriação no campo da cena teatral contemporânea. A mestrandia re-

flete sobre a relevância do jogo como fenômeno humano no fazer teatral e no campo da palhaçaria, apresentando a experiência do jogo fundamentada na "capacidade de jogo", de Jean-Pierre Ryngaert (2009), e na "teoria da transicionalidade", de Donald Woods Winnicott (1975), aproximando o palhaço do arquétipo do *trickster* e sua habilidade em produzir outras formas de encontro do artista consigo mesmo e com o público.

Diante das diferentes produções que se seguem neste dossiê, vale ressaltar as dimensões éticas, políticas e estéticas implicadas nos entremeios das artes com outros campos dos saberes; entre a literatura, a coreografia, a improvisação, as práticas artísticas ligadas aos gêneros e a interseccionalidade com as questões de raça, o cinema e suas interfaces dramáticas, as relações de tensão junto aos financiamentos que viabilizam ou não os encontros e a criação artística. O que se encontra em jogo ao embrenharmos a cena é o diagnóstico das forças ativas que potencializam a vida e a criação e, também, daquelas que interceptam e bloqueiam os fluxos de produção.

O dossiê apresenta investigações em andamento ou concluídas por artistas pesquisadores/as de programas de pós-graduação de sete estados brasileiros, algumas delas escritas em co-autoria entre discentes e docentes dos mesmos programas. O rastreamento das origens de cada artigo coloca em destaque a produção de pesquisa desde o Mato Grosso do Sul ao Rio de Janeiro, desde o Rio Grande do Sul às Minas Gerais, manifestando outros caminhos de circulação do conhecimento no país, outras redes de diálogo em tessitura. Parece-nos fundamental essa exposição das experiências investigativas nas curvas, nas dobras e margens dos aparentes centros de produção de conhecimento já reconhecidos no Brasil. Nossa urgência está em habitar as relações complicadas e complexas que tangenciam o fazer artístico contemporâneo, apostando nas bordas e nas interfaces que abrem os campos, convocam os corpos aos encontros e possibilitam reinventar os fazeres, os modos e os conhecimentos, colocando preceitos sob *suspeita* e afirmando uma *condição incorporada de existência* que se faz no entre da produção de si e de outros mundos possíveis.

Num momento histórico-político do país em que a diversidade de perspectivas e modos de existência têm sido ameaçadas, que o presente dossiê, que o trabalho artístico-acadêmico na universidade possam ser multiplicadores de ideias, de criações para a sobrevivência e ampliação dos modos de pensar e existir no mundo.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas I** - Magia e técnica. Arte e Política. SP: Brasiliense, 1994.

CSORDAS, Thomas J. Agency, Sexual Difference, and Illness. In: MASCIA-LEES, Frances (org.). **A Companion to the Anthropology of the Body and Embodiment**. Chichester, UK: John Wiley and Sons, 2011, p. 137-56.

DELEUZE, Gilles. **Espinoso**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários liminares**: teatralidades, performance e política. Uberlândia: EDUFU, 2016.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo-em-experiência. **ILINX Revista do LUME**. Campinas, no.4, dez. 2013, p.1-11.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas/SP: Papirus, 1990.

HASTRUP, Kirsten. O Conhecimento Incorporado. **Revista Repertório**, Salvador, ano13, no.14, 2010, p.74-79.

PEREIRA, Miguel Baptista. A hermenêutica da condição humana de Paul Ricoeur. **Revista Filosófica de Coimbra**, Coimbra, no.24, 2003, p.235-277.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, Representar**. SP: CosacNaif, 2009.

■ 266

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imageo Editora Ltda, 1975.

ZUBEN, Marcelo de Camargo von. Ricouer, Foucault e os mestres da suspeita: em torno da hermenêutica e do sujeito. **Trilhas Filosóficas**, Caicó-RN, ano 1, n.1, 2008, p.34-42.

Recebido em 30/11/2019 - Aprovado em 01/12/2019



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.